



Naná Vasconcelos

Músico grava disco com sinfônica e coral de crianças pernambucanas

BRENO BARROS

Com 64 anos, ou 46 ao contrário, como gosta de dizer, o internacional Naná Vasconcelos, um dos nomes mais representativos da percussão made in Brazil, transborda juventude com a alegria de quem está trabalhando com aquilo que lhe dá prazer e colhendo resultados. “Quero morrer jovem, mas o mais tarde possível”, disse.

Há oito anos Naná Vasconcelos vem desenvolvendo um trabalho com batuqueiros de maracatu da Região Metropolitana de Recife, capital em que se estabeleceu desde que voltou ao Brasil. Começou com nove nações de maracatu e atualmente são 14. Juntas, as nações levam 600 percussionistas às ruas do Recife para a abertura do carnaval.

“É um desafio porque é como você pegar duas escolas de samba do Rio de Janeiro e colocar elas para tocarem juntas. É impossível porque elas competem. Então com o maracatu é a mesma coisa. Eu tenho 14 nações, porque cada maracatu é uma nação e eu consegui que eles tocassem juntos. É muito forte isso. É um desafio, mas nós conseguimos e isso quebrou muitas barreiras. Hoje você vê muita gente de classe média alta tocando maracatu. Porque antigamente maracatu era só para quem morava na favela, no morro, no lugar onde tinha essas coisas, o maracatu vem do candomblé, do xangô. Então isso para mim é uma vitória”, relatou.

Dois meses antes do carnaval, Naná visita cada nação para passar suas ideias para a abertura daquele ano. “Já fiz roteiros com a Orquestra Sinfônica, com a Banda Sinfônica, todo ano eu convido um artista diferente, já fiz com Virginia Rodrigues, a Elza Soares, a Marisa Monte, Maria Bethânia e esse ano foi Caetano”.

Desvinculado de qualquer gravadora, Naná Vasconcelos revelou que está gravando um novo disco com orquestra sinfônica e coral de crianças. “Estou nesse processo. É um disco que pega tempo porque eu tenho que montar um grupo de crianças e ensaiar, depois trabalhar com arranjador para escrever porque é com orquestra, então eu estou tomando tempo para fazer e gravar”, explicou.

Segundo Naná, seu



Naná Vasconcelos trabalha com 14 nações de maracatu

trabalho é bastante pessoal, revela um Brasil que o Brasil de certa forma não conhece. “Eu produzo minhas coisas e depois licencio para alguma gravadora. Meus negócios são tão meus, são tão diferentes que eu acho que é difícil para os produtores de gravadora entender, porque eu não faço parte do sistema. Eu procuro gravar as minhas ideias, não quero que ninguém se meta. Tem que ser como eu quero, é assim que eu acredito, é por isso que eu luto. Então eu faço uma música que não tem que ter quatro minutos para tocar numa rádio. Tem que ter o tempo que eu ache que seja necessário para expressar aquilo que eu estou procurando dizer”.

Músico do mundo, profissional aos 12 anos, já tocou com artistas do jazz, do pop, de grupos folclóricos, no meio da rua, em grandes casas de show etc. Gravou e se apresentou com nomes como: Egberto Gismonti, Hermeto Paschoal, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Geraldo Azevedo, e outros gênios como B.B. King, Paul Simon, Gato Barbieri e Pat Metheny.

Mas Naná jamais abandonou sua identidade, aspecto que ele acredita ser a razão pela qual obteve o respeito de percussionistas do mundo todo. “Eu não saí do Brasil, eu só estava morando fora. Se eu tive sucesso lá fora foi por isso,

porque eu entendi que eu tinha uma coisa que eles não tinham, eu entendi que eu tinha uma coisa que só o Brasil tem”.

Naná disse que muita coisa que veio da África para o Brasil existe hoje somente por aqui, porque sumiu com os colonizadores. Por outro lado, disse também que muitas coisas vieram de partes diferentes da África e se encontraram no Brasil. “A capoeira vem de um lugar, o berimbau vem de outro e se encontraram aqui e virou uma coisa brasileira. O samba é resultado desses encontros. O pandeiro não é africano, ele é cigano, é oriental, é árabe, mas o africano chega aqui e toca de um jeito diferente, então o Brasil tem esse fenômeno, essa particularidade, essa riqueza, essa miscigenação”, explicou.

Naná ressaltou conhece bem o folclore brasileiro e se agarra nisso como referência, porque acredita bastante nele. “Eu nunca quis ser americano, vou lá todo ano, tem toda uma história de minha vida por lá, minha carreira está lá. Se eu tivesse ficado aqui, talvez eu não tivesse feito uma carreira solo, eu estaria acompanhando cantores, mas quando saí, eu criei uma carreira solo que hoje é referência”, concluiu.

Camarada Linduarte

JOÃO BATISTA DE BRITO

A estória é verdadeira, mas, de tão absurda, parece não sê-lo. É até possível imaginar, para ela, o roteiro de um curta de ficção.

Em 1963, o jovem cineasta Linduarte Noronha viaja ao Rio de Janeiro, com a missão acadêmica de adquirir, para a UFPB, onde é professor, uma câmera cinematográfica.

Procura aqui, procura dali, Linduarte encontra uma pechincha: em bom estado e por preço módico, uma câmera 33 mm, de marca Kohbac, e origem russa.

Além da sensação de missão cumprida, Linduarte volta a João Pessoa cheio de devaneios. A origem soviética da câmera o remete, por tabela, ao cinema russo, que tanto ama. Não apenas o sagrado Eisenstein, mas, sobretudo, o instigante Dziga Vertov de “Um homem com uma câmera” filme que Linduarte assistira com entusiasmo em algum cineclube de sua juventude.

Aos trinta e três anos, Linduarte já era, então, uma figura nacionalmente conhecida, com o seu fundamental “Aruanda” (1960), documentário antropológico que dera o que falar junto à crítica, elogiado por todos, até pelo decisivo Glauber Rocha. A aquisição dessa câmera pela instituição onde lecionava trazia expectativas de novos e promissores projetos. Como diria Glauber, depois de uma câmera na mão, bastava uma ideia na cabeça.

Ora, não deu tempo de Linduarte sequer assentar as ideias e muito menos de pôr a mão na tão bem-vinda Kohbac. Entre a chegada da câmera e o primeiro vislumbre de projeto, aconteceu a revolução militar, que implantou a ditadura no país.

Na noite de 31 de



Linduarte Noronha adquiriu câmera russa para a UFPB

março de 1964 Linduarte deixou-se apolítico – como sempre o foi – e, na manhã seguinte, acordou subversivo, e assim permaneceria por muito tempo. Havia comprado uma câmera soviética e, pela lógica dos militares e simpatizantes da ditadura, só podia ter lá as suas ligações escusas com Moscou, certamente um “camarada” disfarçado por trás de seu cachimbo e sua fala mansa.

Acusado, Linduarte é obrigado a responder a inquiridos e perde o emprego de professor universitário, que só recuperaria quinze anos depois, em 1979.

Relegada, a câmera russa iria para os porões da universidade. Durante todo o período da ditadura, nunca foi tocada, pois seguramente tinha-se medo de que as imagens a sair dela fossem inevitáveis e perigosamente comunistas. Passada a ditadura, lá permaneceria esquecida. E ainda hoje lá está, para quem quiser ver e tocar. É até possível imaginar a cena: tantos anos depois, o nosso Linduarte sendo posto diante dela, pasmo, trêmulo, confuso, lembrando uma estória que seria cômica, se não fosse trágica.

A gente imagina a cena, mas o jovem cineasta Lúcio Vilar não imaginou: fez, e o que fez

não foi ficção. Exibido no programa “Zoom” da TV Cultura, o seu documentário “Kohbac, a maldição da câmera vermelha”, reconstitui a estória toda de modo objetivo, mas nem por isso menos criativo.

Depois de tomar longo depoimento de Linduarte sobre o incidente todo, inserindo documentos e imagens da época que confirmavam o caso, Vilar comete um expediente nevrálgico: conduz Linduarte à famigerada câmera Kohbac e, com a sua própria, filma, quase meio século depois, o reencontro. Para relembrar o filme de Vertov, acima citado, era “um homem com uma câmera”, mas em que circunstância, meu Deus! Todo um cinema que poderia ter sido e que não foi... Sim, não tenham dúvidas: ver a perplexidade nos olhos cansados e mãos trêmulas de Linduarte Noronha, posto de surpresa perante esse objeto que virou um símbolo das truculências de um regime malsão, ver isso documentado é bem melhor do que ficção.

Está, portanto, em circulação mais uma realização audio-visual que vem somar-se à sempre inquietante e inovadora produção paraibana de cinema – produção, aliás, inaugurada por Linduarte que, da palavra “camarada” só detém mesmo a acepção bem brasileira de “amigo”.

LABORATÓRIO
Maurílio de Almeida
Precisão absoluta
(83) 3044-2686
www.mauriliodealmeida.com.br

HMSF
Hospital Memorial
São Francisco
URGÊNCIAS CLÍNICAS 24 HORAS

HIGHLANDER
HOTEL
Neste São João o melhor forró é no topo da serra.

PACOTES PROMOCIONAIS DE 19 A 24/05 POR APENAS
6x R\$ 179,50
POR PESSOA EM APTO. DUPLA
Forró pé-de-serra, quadrilha, comidas típicas, fogueira, queima de fogos, sauna, piscinas com tobogã, recreação adulta e infantil, visita ao Mosteiro da Escuta.
Estrada Pavimentada ao local.